

Psicanálise dos Excessos, Excessos da Psicanálise e alguma apatia ¹

Psychoanalysis of excess, the excess of psychoanalysis... and some apathy

Paulo Sérgio Lima Silva

Resumo: Este ensaio recria uma possível história dos excessos entrelaçada a diversas formas de contenção. Trata também do enfraquecimento da figura do pai e da emergência da função peregóica na pós-modernidade.

Na segunda parte são enfocados alguns excessos da prática analítica no Rio de Janeiro, associados à difusão do movimento psicanalítico.

Palavras-chave: Psicanálise, Excessos, Superego

***Abstract:** This essay recreates the possible story of the excesses intertwined with different forms of restraint. It also discusses the declining power of the paternal figure as well as the emergence of the superego function in postmodern society. In the second part I bring into focus some examples of excess in psychoanalytic practice associated with the diffusion of the psychoanalytic movement.*

Key Words: *Psychoanalysis, Excess, Superego*

¹ Conferência de Paulo Sérgio Lima Silva no CPRJ em 10 de novembro de 2004.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Comissão de Formação Permanente pelo convite para esta conferência. Nele, veio embutido o pedido para ser privilegiada na apresentação a psicanálise e a clínica. Assim vou tentar. Como o título sugere, divido a minha fala em duas partes: na primeira, trato da questão dos excessos de um modo geral, me detendo em uma questão pertinente às chamadas novas patologias. Deslizo depois para apenas algumas observações sobre um pequeno recorte da história da psicanálise, focalizando-a sob a ótica dos excessos e alguma apatia, como disse acima, no momento atual do Rio de Janeiro.

Falei em um momento atual. Retrocedo agora para muito, muito, muito tempo atrás, um pouco depois do Big Bang, o grande excesso. Em determinado instante...

“ Adão, vendo fechar-se a porta do Éden, vendo que Eva olhava o deserto e hesitava tremendo, disse:

Ah ! bendito o momento em que me revelaste
O amor com o teu pecado, e a vida com o teu crime !
Porque livre de Deus, redimido e sublime,
Homem fico na terra, à luz dos olhos teus,
Terra melhor que o Céu! Homem, maior que Deus!”

Esse é um excerto da interpretação poética de Olavo Bilac da cena bíblica da queda. Já em tempos nietzcheanos, fim do século XIX, quando Deus já ameaçava deixar de existir, o poeta entrelaça excesso, intensidade e transgressão, apontando para uma origem sob a égide da desmesura. Esta se presentifica na angústia descrita em outro trecho, quando a cólera de Deus torce as árvores, cresta como um tufão de fogo o seio da floresta, abre a terra em vulcões e torna hediondo o céu. Mas a desmesura modela também o novo homem, que se pretende maior que Deus. Ele desdenha o paraíso perdido, tornando-o menor, e rouba, à maneira de Prometeu, o poder divino ao se apossar agora da capacidade de, ele próprio, abençoar o amor e a vida. Sem dúvida, no início era o excesso.

Na concepção psicanalítica das origens existe também o excesso e algo para sempre perdido. No caso deste último trata-se de um objeto, que é continuamente recriado no mundo representacional, mas para sempre buscado em sua plenitude. Esse movimento torna-se matriz do desejo que aponta, como uma bússula, para realizações sempre parciais. Em sua forma completa, inteira, embora sempre procurada, esse pedaço do paraíso se mantém, entretanto inatingível.

Ainda seguindo com o tema das origens, o impacto do nascimento, essa grande queda na história de cada ser humano, é descrito pela voz de Freud e outras como Rank, Klein etc como uma vivência insuportável de excesso pulsional. A desmesura das metáforas do poema de Bilac, de algum modo, coloca legenda naquilo que é do território do inominável: tufões, vulcões, incêndios... Esse inominável pode reaparecer momentaneamente, porém, no enfrentamento de situações percebidas como perigosas: trata-se do paradigma da angústia. Em extremos, um terremoto miniaturizado faz o chão desaparecer, o equilíbrio dá vez à vertigem, o mundo simbólico se esvanece e o indivíduo se torna puro organismo. A esse excesso denominamos pânico.

Mas, por vezes, o homem busca e banca a angústia, o perigo, até mesmo o pânico, não medindo conseqüências na tentativa, para usar a expressão dos poetas, de recuperação de um estado anterior de graça ou como propõe a tese cristã, de um estado anterior ao Pecado Original.

Alguns poetas, como Baudelaire, Rimbaud, Blake etc., parecem desejar um aguçamento da visão (com ou sem drogas), como que buscando através de imagens um aquém da linguagem que fornecesse uma percepção imediata das coisas. São os visionários que através de estados de iluminação se embrenham nas coisas brilhantes, nas luzes e cores, nos metais e pedras preciosas que constituem a essência das visões místicas e que se atribuem à Nova Jerusalém e a todos os paraísos. Trata-se de atingir o coração das coisas, a coisa em si da psicanálise. Henry Miller, que como vocês sabem, entendia bastante de excessos – basta ler Nexus, Sexus e Plexus, a Crucificação Encarnada – num belo estudo sobre Rimbaud diz “ ele queria ver tudo, sentir tudo, exaurir tudo, explorar tudo”. Mas, acrescenta: “não demorou muito e sentiu o freio na boca, as esporas nos flancos, o chicote no lombo”. A esses pontos, que sugerem limitação à desmesura, voltarei mais adiante.

Proponho abaixo três ilustrações da busca de estado de graça, em gradação:

- Para a primeira me aproveito de uma admirável página literária de Kleist; trata-se de um conto intitulado “Sobre o Teatro de Marionetes”. Nele o autor descreve a seguinte cena: um jovem de espírito puro, ao cruzar as pernas, numa sala de banhos, e tentar extrair algo de seu pé, talvez um espinho, vê repentinamente no espelho a sua própria imagem, identificada a de uma célebre escultura de um garoto na mesma posição, que vira recentemente em Paris. Capturado pelo que vê, esse agora jovem Narciso, transfigurado em obra de arte, se encanta e busca fixar a posição anterior

e recuperar a sua fugaz impressão. Não consegue... repete. E assim vai, indefinida e teimosamente repetindo. E desse modo gasta o resto de sua vida e de suas energias tentando recuperar a graça perdida.

- No segundo exemplo, evoco Huxley, que, de modo comportado, em ambiente laboratorial, buscou abrir “as portas da percepção” através do uso da mescalina para no dizer de Blake “perceber as verdades do homem e da vida sem os entraves da lógica tradicional.” A consequência da experiência foi um livro instigante que despertou o interesse de toda uma geração a respeito do êxtase propiciado pelas drogas. Nem sempre de modo comedido, “Lucy in the Sky with Diamonds”, metáfora de LSD, imortalizada pelos Beatles, foi elevada à estado de graça e disseminada pela ingênua cultura hippie.

- Em descontínuo com a poesia e a suavidade das ilustrações anteriores, cito agora a escalada mundial das drogas, alçada a uma condição de poder que atravessa toda a sociedade, movimentando fortunas e corrompendo vários setores institucionalizados. Jovens descontraídos em festas dionisíacas banalizam os excessos do consumo, indiferentes à apatia do dia seguinte e às consequências para as suas vidas. Num polo dissociado desta cena, como se não houvesse uma linha de continuidade, nos guetos da miséria, os entrepostos, não da graça, mas da des/grança banalizam a violência e a barbárie.

Os rituais em louvor a Dionísio, ao som dos ditirambos, na Grécia antiga, os prazeres nos Jardins da Babilônia, as famosas orgias dos césores, e mais tarde, a busca do sexo mesclado à dor e à morte nos libertinos do século XVIII poderiam se constituir em tópicos de uma simplificada história dos excessos. A estes entretanto há sempre uma figura social que lhes faz contraponto: destacaria o rei, o ideário democrático, o poder do pai, Deus. Algo que barra, que impões limites, que legisla. Então uma possível história dos excessos viria acompanhada de uma espécie de história da lei que a ela se entrelaçaria de modo mais rígido ou mais frouxo.

Na antigüidade grega tínhamos a figura reguladora do tirano e do rei – lembrar que nas “Bacantes” de Eurípedes, este é a única figura que se opõe aos excessos desencadeados pelo aparecimento de Dionísio. Já no seu século de ouro, a figura da cidadania na Grécia emerge dos ideais democráticos como a mais perfeita regulação dos excessos. Usando a gramática lacaniana, o cidadão romperia com a louca e excessiva lógica especular do eu ou do outro e estabeleceria as condições de convívio, respeito e realização para o outro e para o eu. Em Roma, conviveram lado a lado a ilimitada sede de poder e violência, e o surgimento das tábuas da lei “modernas”, definidas no direito romano. Na Idade Média, a presença reguladora do Cristianismo estende um dossel de símbolos integrativos sobre a sociedade. Este traz homogeneidade às subjetividades, dando-lhes forma, limite e, postulando para elas os ideais: sempre a salvação. A transgressão é duramente punida e a obediência exaltada. Lembrar que Sennett em “Sexualidade e Solidão” nos fala de Santo Agostinho, apontando o órgão sexual masculino como a marca de Adão, o símbolo da desobediência no corpo do homem, órgão então proposto como objeto de forte controle.

Nesta série poderíamos acrescentar, de acordo com o recorte de cada época, aos libertinos, por exemplo, se opondo o próprio século das luzes e a ambição da racionalidade que a tudo iluminava; aos excessos românticos do século XIX, com que expressando um retorno do recalçado do século anterior, a figura do pai de família, mantenedora da ordem burguesa, etc.

Delumeau, num livro recente traça uma bela “História dos Pais e da Paternidade”. Nela se indaga se há um futuro para o pai no Ocidente, momento futuro esse em que se poderá ter mais clareza se estamos assistindo agora a uma morte definitiva do pai ou o nascimento de um novo pai.

Segundo este autor, no fim da Idade Média e início do Renascimento – quando se iniciaria a progressiva laicização da sociedade – a figura do pai aparece, mais do que nunca, como o garantidor da estabilidade, da família e do reino. “O pai é uma imagem de Deus sobre a terra”. Mas, aos poucos, o pai também começa a se tornar menos rígido e mais afetivo. Ele pode sorrir? Pode evidenciar ternura? Ou mais grave, pode dar testemunho de seu amor pelos filhos? Aos poucos o pai então deixa de ser monoliticamente a encarnação da lei. Terão esses elementos a ver com a crise de identidade do pai. E quando ela começa?

“A Revolução Francesa demoliu para sempre a imagem do rei, que havia recebido de Deus a missão de guiar, educar e alimentar seus filhos. Ela decapitou aquele que era o pai da grande família francesa. Balzac escreveu: ‘A revolução cortou a cabeça de todos os pais de família. Agora só existem indivíduos’. Freud afirmaria que o pai engendra o seu próprio assassino e a segunda revolução francesa, a de maio de 68, proclamará alto e bom som a morte do pai!” Caricaturando a questão, Charles Melman dirá: “hoje quem resolve uma dissidência familiar grave? É o pai? Não, é o juiz!” Morte do pai, do rei, e de Deus, autoridades encarnadas a quem se poderia renegar, combater etc., mas outrora sempre um corpo presente, agora diluído em múltiplas funções espraiadas pela sociedade.

Não se trata, é claro, de fazer aqui o apologia do patriarcado, da monarquia ou mesmo da religião, nem de marcar uma nostalgia à respeito. Sabe-se que, com frequência são instituições produtoras de subjetividades submissas, alienadas e infantis. A questão é pensar o funcionamento dessas subjetividades atuais na vacância ou fragilização das funções citadas acima.

Giddens, propõe três saídas ou posições para o homem de agora: a autonomia, a compulsão e o fundamentalismo. Na sua abordagem da primeira faz uma articulação com a psicanálise:

- “quando iniciou a psicanálise moderna, Freud supunha que estava estabelecendo um tratamento científico para a neurose. Na verdade, estava construindo um modelo para a renovação do senso de identidade, nos estágios iniciais de uma cultura de tradição em declínio.”

Acrescento eu, declínio inclusive, como aponte, das forças reguladoras das subjetividades. Ainda Giddens:

- “assim o que acontece na psicanálise é que o indivíduo revisita o seu passado, para criar maior autonomia para o futuro”.

Pobre indivíduo autônomo! numa sociedade imperfeita e contraditória, dele se espera um funcionamento perfeito e integrado e principalmente, se autônomo mesmo, que seja capaz de regular seus próprios impulsos para não deslizar para a compulsão e o fundamentalismo.

Mas o que nos informa a clínica atual? Como já foi fartamente discutido, a contemporaneidade, tem como exigência uma forma de ser fragmentada, provisória e contingente, propiciadora da constituição de patologias do eu ou do narcisismo. Talvez a expressão da posição autônoma, apontada por Giddens. Se a questão maior é a dor e a ameaça do aniquilamento do eu, a referência

da “lógica da castração” se enfraquece então frente às compulsões vorazes ou ao seu contrário, a apatia.

O ponto comum que encontro em meu cotidiano clínico constituídos por pacientes fóbicos, anoréticos, normóticos, compulsivos que correm atrás de “adrenalina existencial”, de subjetividades que vivem intensamente o sexo frente à tela do computador ou àquelas presas masoquisticamente a valores fúteis e/ou ideais acachapantes de casamento, amor, sucesso ou felicidade, repito, o ponto comum, é a figura cruel do Superego.

O rei, pai, deus, miniaturizado e invisível na interioridade das novas subjetividades, agora mais do que nunca poderoso, aproveita-se da fragilidade do eu contemporâneo para fazer valer o despotismo, a tirania e a onipotência das figuras cuja morte havia sido decretada institucionalmente. O eu mais se comprime, obedecendo a quatro vozes que gritam e dizem: “isto está proibido para você”, “vá adiante, goza”, “seja perfeito como eu” (exigência ideal) e finalmente a última e a mais perversa “deixa-te fazer, submete-se a mim”. Excessos de Superego! Em sua faceta mais arcaica, contraposta àquela mais protetora, o superego se apresenta como um agente da tradição – no sentido de expressar o mais arcaico da história do indivíduo, como também o de veicular linguagem e valores arcaicos. Neste sentido, portanto, entra em choque com as tentativas do indivíduo se modernizar e de se tornar contemporâneo de seu próprio tempo.

Na clínica destaco três modos do superego “se dar a conhecer”, em ordem crescente de gravidade ou patologia (é claro que se admitindo uma variedade enorme de formas combinadas e/ou intermediárias):

-Como um momento isolado do discurso do paciente, verbalizado em uma exigência, em uma crítica, no estabelecimento de uma meta obviamente inatingível, ou, por vezes, materializada num sonho ou projetada em algum objeto,

Quando não se “ouve” o ego, mas o discurso é totalmente tomado pelo superego expressando uma monótona e estéril inflação de “tem que(s)”, “deve(s)”, “é preciso que(s)”, etc.

- E, em sua manifestação mais radicalmente doentia, quando não “fala” como no caso anterior, mas só se dá a conhecer por seus efeitos. Trata-se, no caso, da chamada **culpa muda**. E os fracassos, acidentes, somatizações crônicas, repetições desastrosas são percebidas pelo paciente como oriundas do acaso, da má sorte, das coincidências, ou até dos astros. A ligação com a responsabilidade subjetiva é negada veementemente, o que cria problemas cruciais para a tarefa do psicanalista.

A questão maior, nesta seqüência que estou propondo, então é: qual o destino do superego, em sua manifestação mais rígida, severa ou cruel num tratamento psicanalítico. Dentro dos limites deste trabalho poderia sugerir: a sua benignização. Uma ilustração clínica eloqüente: um paciente, de cerca de 35 anos, em sua terceira análise, com um quadro severo de neurose obsessiva mesclado à angústias fóbicas, portador de um superego cruel que exige de si um sofrimento crônico com manifestações somáticas, quase estados de despersonalização, pouco acesso ao prazer etc tem um curioso sonho depois de um ano de análise comigo, expressão de momento de melhora ou trégua em seus sofrimentos. Sonha que está conversando com Fidel Castro em um lugar, um saguão de um hotel. A conversa, para sua surpresa, considerando ser ele o “figurão que é, um ditador, um político” transcorre num clima ameno e cordial. Mas, quer fazer uma pergunta. Deixa passar muito tempo

“rolar o papo”, toma coragem, por “medo de ofender” e questiona: “ Há espaço na Ilha (Cuba) para os seus habitantes na época do Natal acreditarem em Papai Noel e o reverenciarem?”

Em suma, por benignização entenda-se um efeito de uma série de operações que têm por objetivo “barrar” as produções mais maléficas do superego e que, deve ser enfatizado, dependem de um trabalho sistemático ao longo do tratamento. Enumero a seguir algumas destas operações:

- Em primeiro lugar, a manutenção de uma verdadeira neutralidade do analista que garanta, “sem demagogia” um clima de aceitação do paciente. Sob a égide de um olhar superegótico a psicanálise não se desenrola. A proposta de alguns terapeutas de um tratamento “no tranco”, a meu ver não procede, podendo ocasionar até melhoras transitórias, mas sempre sob o signo da submissão. A sabedoria winnicottiana, qualquer que seja a orientação do analista, no sentido de repudiar a submissão e esperar a produção de dentro para fora, a meu ver, é soberana. Trata-se de uma estratégia de “dissolução” do cruel a longo prazo, por internalização progressiva de uma função. Não pode ser uma operação isolada, mas é condição básica.

- Falei acima em um trabalho sistemático. Este consiste na “nomeação para o paciente da função superegótica”. É o trabalho mais importante. É como se a cada momento fosse denunciado: “isto não é você , isto é o estrangeiro em você, isto é o que você internalizou, é a voz do pai, a humilhação do professor, a exigência da tia, a chacota do colega, a inveja da irmã que deixou o teu eu soterrado, sem poder falar”. Curiosamente o paciente mencionado acima, próximo à produção do sonho com Fidel Castro, tendo como restos diurnos o tema das enchentes de fevereiro em Petrópolis, sonha com ele mesmo fazendo parte de “uma equipe de resgate em busca de corpos soterrados numa avalanche, que, um a um estão sendo resgatados, com chance de se encontrar vida.”

Esse movimento no sentido de dar consciência, na verdade divide o ego e é produtor de enorme dor psíquica. “Então há algo em mim que não sou eu”? Mas é necessária essa “divisão” para que se detecte o estranho, para que se “crie distância”, para que o ego possa florescer, se ampliar, se aliar ao desejo, ter voz e esta se tornar audível.

Esta operação de cortes está em Freud: é delicada como cortar um cristal. Se o corte é cuidadoso, emerge a pedra preciosa, absolutamente facetada, discriminada e brilhante. Se o corte é leviano e impreciso, a pedra se pulveriza, ou, em termos psíquicos, a estrutura subjetiva se esfacela e a clareza da fala do ego não se fará ouvir. Observe-se que, qualquer reforço de ego ou seu fortalecimento (e qualquer análise bem encaminhada, com qualquer orientação, trabalha neste sentido , seja através de uma aliança com o desejo , de um remanejamento adequado das defesas etc) - por mais antiga que possa parecer esta expressão – não é o bastante se a força contrária, ou seja a ação do superego, não for bem trabalhada. Brinquemos, o lema seria: em busca do superego “suficientemente bom”. Segue-se agora uma terceira proposta de operação:

- aparentemente em contradição com a primeira das proposições, mas, na verdade alicerçada em sua vigência (ou seja a atmosfera da confiança e aceitação), a proposta de Lacan: ridicularizar, menosprezar, diminuir qualquer “fala” do superego arcaico. Transformar sua tirania despótica num “mandonismo” tolo e sem sentido. Ou seja, trabalhar na direção do contra-investimento. Há riscos, no entanto.

Um jovem, de 16 anos, gravemente enfermo com fortes obsessões, apesar de brilhantemente inteligente se submete ao seu superego cruel que entre outras ordens o impede de virar a página do livro, de que precisa para se preparar para as provas de seu colégio. Depois de dois anos, com clima confiante estabelecido em seu tratamento, reajo com bom-humor e, numa linguagem apropriada a um adolescente, digo: “que bobagem, esse comandante ficar ordenando tanta besteira, vê se você se manca, etc.”. A esse tom, uma resposta aos poucos foi se estruturando: abandonou a submissão aos rituais, mas sempre me perguntando numa nova e provisória submissão: “Eu estou estudando, não fiz as “manias” (modo como chama os rituais), mas você garante que nada de ruim vai acontecer, não é?”. Respondo com veemência: "Garanto, fora as chatices que acontecem no dia-a-dia nada de extraordinariamente ruim deverá acontecer". Analista - superego provisório, ao menos em nome de uma causa razoável, contra a crueldade do estrangeiro precocemente instalado na subjetividade de meu paciente. Frágil garantia, me dou conta, mas necessária no sentido de transferencialmente recriar a figura do “Grande Fiador” 16, aparentemente perdida em sua história.

Em linha de continuidade com o ítem anterior, trata-se agora de assumir o papel superegóico e legislar : se preciso, ir contra, proibir, impedir etc. São momentos , não mais que momentos especiais, e de alto risco , em que, em se considerando a falência de figuras fortes na história do paciente , se faz necessária uma “ação específica” encarnada na pessoa, momentaneamente, do analista. Caso contrário, o paciente buscaria representantes da lei cada vez mais concretos. Exemplo: fumar maconha próximo à cabine da polícia , desafiar autoridades com risco de prisão etc. De modo geral, trata-se de uma atuação de cunho bem regressivo, com forte apelo ao pai. E aí, ou o analista se apresenta como um seu equivalente, e, de forma benigna, manifesta alguma representação do limite, castração, impedimento ou que terminologia se use, ou um “castigo severo” acontecerá, naturalmente “como que por um acaso” (não deve ser esquecido que a figura do Destino é uma das mais fortes expressões do Superego). Aqui trata-se do território dos casos limites, das atuações psicopáticas, etc.

Em meus trinta anos de experiência como analista diria que em apenas três ou quatro vezes me vali de tal recurso. Proibi, certa vez uma paciente que havia tido relação incestuosa com um tio na infância, em seu retorno ao país de origem de estar a sós com esse familiar. Frágil palavra a minha; poderia ter sido totalmente desacreditada. Mas, para minha surpresa, produziu uma luz em seu olhar e a seguinte fala: “nunca ninguém disse algo assim para mim”. Era como se ela se assenhoreasse de uma palavra inaugural, de uma interdição necessária. E o mais importante: houve total observância de minha “prescrição”, relatada no retorno de sua viagem.

Não se trata é claro de assumir o radicalismo de James Strachey, presente em seu excelente artigo de 1932 (“Natureza e função da ação psicanalítica”); neste, praticamente propõe um “transplante” de superego. Na transferência, um velho superego doente seria substituído por um novo, sadio, representado pelo analista. E na última fase da análise, que implicava na separação deste superego, ele daria lugar à criação de um novo superego no interior do paciente.

Strachey é o único autor que centralizou o trabalho analítico em torno do superego. Não defendo esta tese é claro, mas penso que se deva sempre levar em conta esta função. Afinal quando na conferência XXXI, Freud fornece uma das poucas indicações claras sobre o fim de uma análise, especifica o fortalecimento do ego, que deverá ganhar uma independência em relação ao superego.

Concluindo, cabe retomar a precisa postulação de Andrade¹, quando, aponta que a forma patológica do superego só toma força quando o desenvolvimento normal do ego não pôde se processar de modo tranqüilo. Deslocando esta premissa para o processo analítico, gostaria de enfatizar que o trabalho com o superego do paciente só tem sentido se emoldurado pelo conjunto de manejos que envolvem a subjetividade como um todo: o enfoque do desejo (cuja repressão só “enraivece” o superego, segundo Freud), o da agressividade (que, se não expressa de modo adequado, fornece munição também ao superego para fortalecer seus investimentos, segundo o mesmo autor) etc.

Trabalhei na primeira parte desta apresentação questões pertinentes à regulação das subjetividades, com a conseqüente ativação da instância superegógica, nos tempos atuais. Gostaria agora de com um olhar crítico, espero que benignamente superegógico, apontar alguns excessos e também alguma apatia na psicanálise no Rio de Janeiro. Claro que parto do princípio que a psicanálise se expande teoricamente, cada vez mais reconhecida e que marca seu lugar com vitalidade atravessando já o seu 3º século de vigência. Vou abordar portanto algumas tendências associadas a idéia de excessos, especialmente especialmente presentes em sua difusão.

Falei acima em regulação. Até os anos sessenta do século XX, aproximadamente, ser psicanalista significava com rigor pertencer aos quadros da I.P.A., quase sempre ser médico, e obedecer a sua orientação teórico-clínica.

Maliciosamente transcrevo um trecho de uma explicação para um caso clínico, típico da época, citada por Sérvulo Figueira em “Sociedade e Doença Mental”, sendo por ele classificada como “insólita”:

“... a identificação projetiva é usada como uma defesa contra uma separação iminente e como um meio de controlar o objeto e de atacar os rivais – os bebês não nascidos. A parte projetada, o vômito e a “raposa esquiva” também é identificada com o pênis introjetado mau, que forma a base de um relacionamento homossexual mau. Como resultado dessa projeção, a analista, de início, era sentida como contendo e como sendo controlada por essa parte má, e pouco a pouco se tornou totalmente identificada com ela”

A citação é extraída da “Introdução à obra de Melanie Klein” ,obra cultuada nos anos 60, quando triunfava o pensamento kleiniano, deixando de certo modo , o próprio trabalho de Freud numa zona de penumbra.

Época de excessos. Excesso de regulação institucional, quase mesmo de vigilância que colocava os candidatos em verdadeira camisa-de-força para ostentação de uma normalidade. Mas excessos também na clínica, ao menos aos olhos de hoje. Muitas, muitas interpretações, já que o analista era reafirmado em sua onipotência, não podendo deixar escapar nenhum viés do material apresentado. O excerto apresentado acima deixa entrever, insisto, visto por uma ótica atual, um excesso de imaginarização na concepção do funcionamento mental, na sua dinâmica, e nos efeitos produzidos no analista. Mas... obedecia ao paradigma da época e, sem dúvida não deixava de produzir melhoras, alívio e fenômenos aproximados à chamada cura. O “homo psicanaliticus”, ou seja, a alma moderna que busca um referendun na construção de sua identidade, a tudo ou quase tudo se adapta: à

analistas onipotentes, numa fase seguinte aos absolutamente silenciosos e até mesmo aqueles que atendem em sessões de 5 minutos ou menos.

De lá pra cá muitas coisas mudaram no campo psicanalítico. Destaco os seguintes pontos: a proliferação das faculdades de psicologia, em especial no eixo Rio-São Paulo, formando um número crescente de psicólogos que em detrimento da psicologia escolar, experimental, industrial privilegiam a área clínica, sendo dentro dela, notória a busca pela psicanálise. Formam-se pequenas sociedades, inicialmente algo perdidas em seu perfil identitário, que embora longe do controle da I.P.A., estabelecem às vezes regras que a ela se assemelham. Insisto, ao menos num primeiro momento. Aparecem os Cursos de Especialização em Psicologia Clínica – entenda-se psicanálise – nas Universidades, estas aos poucos se constituindo, em especial através de seus mestrados e doutorados, numa potência de pesquisa teórica sem precedentes. Como conseqüência, a produção de pensamento em psicanálise se afina no Brasil, se dissemina e, apesar de por vezes excessiva e saturada, - veja-se por exemplo os infindáveis trabalhos sobre o feminino, veiculam ótima qualidade. Hoje, por exemplo, é perfeitamente possível a montagem de um curso com tema psicanalítico praticamente só com autores nacionais.

Outro ponto diz respeito à difusão do pensamento lacaniano no Brasil nos momentos finais dos anos 70. Com teoria complexa, por vezes quase hermética, e barroca em sua forma, conquistou legiões de seguidores, revolucionando os cânones institucionais, teóricas e clínicas até então vigentes. Formam-se inúmeras associações profissionais e, fato notável, embora com a mesma orientação técnica, distribuem-se numa trajetória de fragmentações contínuas, e muitas vezes de forma dispersiva, e, em inúmeros casos, também excludentes, como se nada houvesse de comum entre si.

Na Proposição de 9 de outubro, documento resultante do clima revolucionário intelectual e ativista, que ainda restava da agitação acadêmica que varrerá Paris em maio de 68, Lacan propunha a derrubada da base de sustentação de todo construto de transmissão e hierarquia adotada dotada pela I.P.A.: a análise didática. Se por um lado, esta tinha como função receber, instruir, orientar o futuro analista, por outra, poderia “ser utilizada de maneira sinistra como instrumento de submissão, intimidação e sobretudo repressão”, palavras de Marco Antônio Figueiredo em seu excelente artigo “Psicanálise Brasileira: um efeito lacaniano?” O superego cruel, regulador institucional vinha abaixo nesse momento. Naturalmente outros dispositivos, como a questão do passe, foram criados com a tarefa de garantir ao inscrito o grau de psicanalista... Mas esta estória depassa os limites desta apresentação.

Algumas conseqüências de todo esse quadro: a enorme penetração do pensamento de Lacan nos meios universitários, produzindo uma hegemonia de malha teórica quase saturada; e só muito recentemente tem diminuído a resistência nestes cursos universitários às formulações de outros autores. Os mestrados, doutorados mas sobretudo as especializações não se comprometem em titular e graduar seu aluno em psicanalista, mas acabam, no parecer de Marco Antônio Figueiredo, produzindo uma espécie de autorização, mesmo à revelia da instituição. “Sem título formal, nem responsabilidades de garantia aos alunos destes cursos, tais instituições assistem atônitas à intensa proliferação da formação selvagem. "O" eu fundo, tão sozinho como sempre estive ...”, palavras de um Lacan heróico, propenso à mistificação de uma solidão e isolamento trágico parece constituir de certo modo, o modelo do “eu me autorizo” tão disseminado na maneira como freqüentemente um analista agora legitima a sua prática. A formação, por vezes, torna-se um complemento, não a essência de um processo. O indivíduo autônomo de Giddens, livre dos Barões da psicanálise, como

eram chamados os didatas, novamente é apelado para fazer suas escolhas. Aqui no Círculo Psicanalítico para dar um exemplo intrainstitucional, onde vicejam ares democráticos, o associado do Fórum, por vezes, posterga excessivamente sua candidatura à membro psicanalista, pois a ausência de critérios tipo I.P.A., e não se trata aqui de uma nostalgia é claro, deixa a decisão às expensas das exigências superegóicas de cada um. Dá-se assim um deslizamento para o individual, daquilo que outrora pertencia a normatização institucional.

A difusão do pensamento de Lacan produziu efeitos, e fortes, mesmo fora dos limites onde sua presença era hegemônica. Difícil pensar que a nova importância dada à escuta por exemplo, não tenha de certo modo, barrado a figura onipotente e onisciente do psicanalista kleiniano. O discurso do paciente torna-se revalorizado, em especial no seu aspecto manifesto. A compulsão excessiva em desvelar a “outra cena”, transformava a tarefa do analista numa espécie de tradução veloz de toda a fala do paciente. Talvez, tenha até propiciado a alguns kleinianos afinarem agora sua escuta e privilegiar estratégias interpretativas, ao invés da antiga técnica.

Outra face dessa mesma moeda: o excesso de escuta. Na vulgata lacaniana, compreender um paciente torna-se fora de moda. Muitos que apenas ouviram falar em Lacan se aferram à idéia de que o paciente deve falar, falar e falar, relegando a interpretação, principal instrumento do psicanalista a uma esfera de desuso, quando não é de inadequação. Esse profissional, algo apático pontua, aponta e corta apenas. E estas tornam-se as únicas operação no “setting” analítico, com freqüência encobridoras de uma ignorância a respeito do material do paciente.

Registro também como efeito da difusão a má compreensão do agora já jargão “interpretar na transferência” ao invés de “interpretar a transferência.” O descaso com a análise da cena transferencial, acabou trazendo um empobrecimento para grande parte dos processos analíticos, alijados, ao meu ver, do grande produtor de mudança e insight.

Como última observação, acrescento a tendência, relembro aqui a tendência, a excluir da cena clínica o afeto e o emocional em detrimento do universo das idéias e dos significantes. Quem sabe, como um corolário à inflação de produção teórica apontada anteriormente – nunca se estudou tanto e tão fundo a psicanálise como agora – as intervenções na clínica tenham perdido algo de seus “pathos”, ressentindo-se de um sabor intelectuado, e na pior das hipóteses, pedagógico.

Sugeri nesta apresentação a tendência a excessos e alguma apatia em especial na clínica, no momento atual na psicanálise. Marco Antônio Figueiredo no trabalho citado cunha este momento com o nome de “formação híbrida” – misto de I.P.A., lacanianos, vulgatas de ambos, rigor universitários etc. Diz: “no futuro veremos o que deverá sair daí, desta formação híbrida”, mas garante: “e futuro haverá!”. Penso também em Paul Bercherie quando tenta mapear grandes correntes do pensamento, aponta ao lado do kleinismo, do lacanismo e da psicologia do ego para um grupo especial a que chama de Nebulosa Marginal. Ferenczi, Winnicott, Balint não chegam a formar um grupo coeso e apesar de apresentarem uma malha teórica razoavelmente menos sólida que a dos outros grupos, por isto mesmo, por ausência de saturação, apontam para um crescimento na investigação teórica e clínica. Parafreseando Bercherie, penso que a nebulosidade que nos envolve nesse momento híbrido, além de excessos e alguma apatia contenha bolsões de criatividade e investigação. Heidegger diz: “saber investigar significa saber esperar, mesmo que seja durante toda uma vida”, e isto numa época em que só é real o que vai depressa e se pode pegar com as mãos”. Sejamos um pouco críticos, com um superego “suficientemente bom”, mantenhamos a curiosidade

para a pesquisa , não nos afastemos do pathos que nos constitui essencialmente, pois assim estaremos reforçando a psicanálise , que a cada vez mais se impõe como modo de ajudar o homem a não mais se comparar com os deuses ou com deus, como na poesia do início, e encontrar, desamparado que esteja, a sua justa medida.

Artigo recebido em 5 de agosto de 2005
Aceito para publicação em 20 de setembro de 2005

Dados do autor:

Paulo Sérgio Lima Silva - Psicanalista
Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro
Membro Aderente e Superior da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro.
Professor do Curso de Especialização em Psicologia Clínica, PUC-RJ.
Doutor em Psicologia Clínica, PUC –SP.

Rua Conde de Irajá, 110, Botafogo, CEP: 22271-020